

Diversão & Arte

DISCÍPULOS DO
SANFONEIRO
DOMINGUINHOS,
MARIANA AYDAR
E MESTRINHO LANÇAM
ÁLBUM DEDICADO AO
GÊNERO NORDESTINO COM
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
DE GILBERTO GIL



MARIANA E
MESTRINHO

10 faixas.
Produzido por
Tó Brandileone.
Disponível
em todas as
plataformas
digitais.



Autumn Sonnichsen



E O forró CONTINUOU...

» MARIA CLARA ABREU*

O forró sempre esteve presente na vida de Mariana Aydar e Mestrinho. Mariana apaixonou-se pelo estilo antes mesmo de começar a ler ou escrever. Aos 5 anos, a cantora conheceu Luiz Gonzaga, época em que a mãe foi empresária do artista, e o encanto pelo Rei do Baião e pela música foi imediato. Já Mestrinho nasceu com os ouvidos sensíveis às harmonias da sanfona e com o DNA forrozeiro de sua família.

Os destinos se cruzaram há 10 anos, quando Dominginhos, em seus últimos momentos de vida, uniu os discípulos. Laços profundos, artísticos e afetivos foram criados, e Mariana e Mestrinho tornaram-se parceiros de palco. Agora, essa união ganha um registro sonoro com o álbum de estúdio intitulado *Mariana e Mestrinho*. O projeto foi produzido por Tó Brandileone (5 a Seco) e reafirma a química artística entre os dois.

O repertório estabelece uma ponte entre a contemporaneidade e as raízes do forró pé de serra, ao reverenciar a tradição do gênero e criar novos clássicos que dialogam com as atuais pistas de dança. Por meio de 10 faixas, o disco aborda a relação geracional da música, além de temas expressivos, como a amplificação do discurso feminino.

Com essa intenção, Aydar compôs *Boy Lixo*, canção que traz a mulher como personagem principal da história, e não mais como coadjuvante da narrativa masculina. Na composição *Até o fim*, destaque do álbum, quem divide os vocais com os protagonistas é Gilberto Gil.

Dos clássicos, Mariana e Mestrinho regravam *O filho do dono*, sucesso de Petrólio Maia de viés político, social e ambiental. E a romântica *Ninguém segura o nosso amor* (João Silva/Iranilson), gravada por Mestre Zinho nos anos 1990. As outras regravações são do repertório do mestre que os uniu musicalmente como, *Tefaço um cafuné* e *Cheguei pra ficar* (Dominginhos/Anastácia). Nesta entrevista ao *Correio*, Mariana e Mestrinho falam sobre a renovação do forró.

Entrevista // Mariana Aydar e Mestrinho

No álbum, vocês reverenciam o forró pé de serra e com as canções inéditas trazem uma visão mais atual do gênero. De que maneira vocês acreditam que as canções podem conversar com o público mais jovem?

Mestrinho — É sobre gerações. A gente trouxe nesse álbum o que aprendemos com o mundo, trouxemos temas muito atuais para o disco e para o próprio estilo musical. É uma renovação, com respeito ao gênero, mas sem perder a essência, a alegria e a emoção do que é o forró, a essência dos nossos mestres. O forró tem a potência de unir as pessoas, e se você traz temas tão atuais como o feminismo, será possível conscientizar cada vez mais as pessoas e, ao mesmo tempo, trazê-las para conhecer esse gênero que é tão maravilhoso em todas as suas faces.

Como vocês estabeleceram essa ponte entre o forró tradicional e a contemporaneidade?

Mariana Aydar — Queríamos algo que criasse pontes, tanto para atualizar esses discursos quanto para trazer uma nova sonoridade, sempre respeitando os nossos mestres e o forró pé de serra. O Mestrinho sempre fala, e eu acho muito legal, sobre o quanto o forró é aberto, ele é possível, tem essa abertura para novas coisas acontecerem dentro dele. Então, acho que essa ponte vem desde o posicionamento de um novo discurso, aos instrumentos e os arranjos utilizados. A forma com que você ajusta ou mixa o som, os timbres. Às vezes, trazer outros instrumentos que não, necessariamente, estão dentro do forró, como o piano, faz a sonoridade ficar mais diferente. A escolha do nosso produtor, Tó Brandileone, foi essencial para chegar a esse equilíbrio entre o contemporâneo e as raízes do gênero.

Qual a importância dos temas abordados no álbum? Como na faixa *Boy Lixo*, onde a mulher é o centro da narrativa, visão diferenciada dos forrós tradicionais.

Mariana Aydar — Nossa geração está em constante mudança e em aprendizado e acho que isso tem que ser falado nas nossas músicas,

principalmente do ponto de vista feminista. A nossa função enquanto artista é aprender e levar isso para a arte, para outras pessoas aprenderem também. Eu e Mestrinho conversamos sobre isso e eu vi que poderia usar um recurso recorrente do forró, que é o seguinte: falar de temas doídos, importantes, desconfortáveis, mas com leveza, alegria, irreverência e diversão.

O que vocês aprenderam ao estar em contato com a arte de lendas da música brasileira? E como surgiu a colaboração com o Gilberto Gil?

Mariana Aydar — Eu e Mestrinho somos discípulos de Dominginhos, aprendemos com ele, estamos percorrendo esse legado. Na nossa música, na nossa alma, no nosso coração, a gente traz muito de Dominginhos. Então, sinto que o álbum traz o Dominginhos que já tem dentro da gente. Temos muita gratidão a ele, o levamos nos nossos corações e queremos cantá-lo para sempre na nossa vida.

Mestrinho — Dominginhos é um dos maiores artistas deste mundo e uma influência muito grande para mim. Toquei muitos anos com ele, ele me acolheu musicalmente e na vida. Com o aval do Dominginhos, toquei pela primeira vez com Gilberto Gil e foi uma afinidade muito grande, um amor muito grande já de cara. Até hoje toco com ele quando me chama, é o único artista que, fora a minha carreira, eu acompanho. E aprendi muito com ele nessas vivências. Admiro muito a filosofia de vida dele, como ele fala sobre o amor, sobre aquele amor transcendental, o amor amplo. Após ter vivido esse amor pela primeira vez, eu tive a inspiração de compor a música *Até o fim*. A primeira pessoa que vinha na minha cabeça era Gilberto Gil, por ouvir dele pela primeira vez sobre esse amor. Fomos atrás dele para participar, ele aceitou com o maior carinho do mundo, com generosidade. A gente foi até o Rio de Janeiro gravar essa música com ele. Mariana se beliscando para ver se estava sonhando, porque parecia um sonho. E eu feliz da vida de ter ele em mais uma canção minha, ainda mais em uma canção tão importante para mim, falando sobre esse tema que ele me apresentou. Então a gente ficou muito realizado, ficamos no céu, felizes da vida por ter Gilberto Gil nessa canção.

O álbum traz um equilíbrio entre a estética de ambos. Como foi o processo de depositar um pedaço de vocês no álbum?

Mariana Aydar — A gente não queria que fosse um disco que tivesse a cara dos meus discos, nem a cara dos discos do Mestrinho, mas, sim, que tivesse a nossa união, que fosse realmente essa junção. Queríamos que soasse uma sonoridade desse encontro. Para isso, a gente chamou um produtor que não tinha trabalhado com nenhum dos dois. O Tó nos ajudou muito nesse equilíbrio. E acho que a gente conseguiu.

Mestrinho — Ao unir forças, a gente criou uma sonoridade, algo que quando você ouvir um trabalho solo meu ou da Mari, não vai associar a esse.

Como é a sinergia de vocês?

Mariana Aydar — A gente se conhece há muito tempo, então temos intimidade. E já trabalhamos juntos antes, fazendo participações no show do outro. Então, acho que a nossa sinergia e afinidade foram logo vistas pelo público e pelos contratantes. Mas nunca havíamos gravado juntos, temos muitos vídeos no YouTube, muitas participações, mas ainda não tínhamos um registro sonoro. Combinamos de sempre falar a verdade, eu nunca havia feito um trabalho com outra pessoa, então acho que é muito sobre você aprender a ouvir o outro. Foi uma interação muito tranquila e ainda será porque sairemos em turnê. Estamos apenas começando.

De que forma o gênero que emocionou vocês pode emocionar outras pessoas?

Mestrinho — Acredito eu que o forró tem por isso si só. Acho que, só de chegar no ouvido das pessoas, naturalmente, ele emocionará. A potência do forró é essa. O lance de furar a bolha é fazer com que ele chegue ao ouvido das pessoas.

Mariana Aydar — Todo mundo tem uma memória afetiva com o forró, eu percebo isso, canto forró em muitos lugares diferentes, tanto num evento corporativo chiquérrimo quanto numa praça pública, e todo mundo tem um carinho com o forró. O forró tem esse lugar de casa, de aconchego.

*Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco